

2. Dando as Cartas

• *Guimarães Rosa X Moreira Campos*

Rio, 27. VIII. 58

Meu caro MOREIRA CAMPOS,

Creia, gostei mesmo do “PORTAS FECHADAS”: bom pela essência, pela verdade de arte, bom pelo que é, pelo estilo, convivente, claro, gostoso. Dele, ficaram comigo, principalmente, os “Onze dias a bordo”, “Mãe e filho”, “Rabo-de-saia”, “Tem dono” (... “Magote de ladrão!”) e “Carnes devoradas” - notável, o Vicente morrendo com as linguças assadas... Sério, seguro contista, é Você.

Perdoe-me o atraso com que venho agradecer a oferta amiga do volume. É que, também, aguardava, para isso, a saída da 2ª edição do “Grande Sertão: Veredas”. Aqui vai êle, com prazer. (Isto é, vai em separado, pelo correio comum.) Se lhe der agrado quanto o “Corpo de Baile”, alegrar-me-ei, muito.

Bem, meu caro Moreira Campos, continue escrevendo belos livros, dando-nos dessa sua presença tão lúcida - tôda simpatia, sinceridade e sensibilidade.

E abraçe, cordialmente,

o seu,

Guimarães Rosa



Prezado Guimarães Rosa:

Satisfeitíssimo com a sua carta. Preciso acreditar sinceramente no estímulo de suas palavras. Mas, antes, falemos de vc., que, sem qualquer obséquio, em depoimento dos mais legítimos, considero incomensurável. Surpreendeu-me que vc. ainda espere de mim a leitura de GRANDE SERTÃO - Veredas. Esta já foi feita, palavra por palavra, sentimento por sentimento, passagem por passagem. E Então? Aduzúdio fungou, e mão no fechado da outra bateu um figurado indecente:

- Vocês aí, hem?"

E outras grandezas tantas: "Carece de ter coragem". Ó amor velado Riobaldo e Diadorim, que só a pena de um mestre, - um mestre do seu tamanho - poderia realizar. O cêrco na casa-grande, os couros de boi servindo de anteparo às balas. A morte dos cavalos, presos no curral, em relinchos de morte a cada balaço. Uma página digna daquele banho coletivo de Dostoiewsky, em RECORDAÇÃO DA CASA DOS MORTOS: os galés então arrastavam grilhetas entre gemidos e os vapores do banho turco. Tudo isso, Guimarães, são detalhes: você representa um mundo. Já não me lembro do nome do seu herói: daquele que se entregava à coragem da morte pela suspeita de mal da pele? Lepra. Que achados: E aquele grupo primário, perdido no alto sertão, de escopetas, trabucos, cacetes, falando um dialeto português, pelo isolamento?

- Ó senhor ultruje?

Se não me engano era esta a frase. O temor da peste da varíola. Sei não, Seu Guimarães, que estranho mundo

vc. remexeu por dentro de mim!

E Zebebelo e o amparo "as infâncias brasileiras"?

Jamais li sobre o sertão com tamanha força artística. Arinos, Coelho Neto, Ze Lins serão memorialistas ou homens do documento. Você transfigurou essa documentação em arte da mais pura.

Por sinal, reli empolgado, SAGARANA: Ainda hoje vivo impressionado com o BURRINHO PEDRÊS. Só dois livros, até hoje, me mereceram releitura: a Dita Recordação da Casa dos Mortos e êste inesquecível SAGARANA, desde CONVERSA DE BOIS a SARAPALHA, junto ao qual está, a imensa honra minha, o meu pobre O PRÊSO, em seleção recente da Cultrúix.

Se tivesse que falar a seu respeito, Guimarães, encheria laudas. E por respeito ao meu tempo, que é curto, e ao seu, que deverá ser curtíssimo, vejo-me na obrigação de podar-me. Não o farei, contudo, sem reiterar-lhe, isento de bajulações idiotas e evidentemente não cabíveis, a certeza de minha admiração profunda, quase mística. Vc. é tudo: poeta dos melhores, paisagista, psicólogo, profundamente humano, renovador de estilo, que não se experimentará imounemente. Falam-me de O MALHADINHAS, como possível modelo de GRANDE SERTÃO. O MALHADAS é um quadro. Você é um painel.

Eu precisaria, Guimarães, conversar com vc. 48 horas, no mínimo, para dizer-lhe ainda um mínimo de tudo que tenho a dizer-lhe.

E pegue o meu abraço maior.

Moreira Campos